

Rui Ramos

A paisagem que se avista da estrada é verdejante, recheada de ancestrais árvores, milho e até um imbondeiro. Não se vislumbra que lá para a frente, na fronteira do mar imenso das ilhas, o colonialismo português tenha construído um «campo da morte» para os seus prisioneiros políticos.

Há quase um século, o colonial-fascismo de Oliveira Salazar para lá atirou centenas de opositores desterrados em potões de navios cargueiros. Dali não havia fuga possível.

Tendas colectivas, comida precária, água inquinada, disciplina rígida ao sabor dos carcereiros, calor húmido, mosquitos, era o dia a dia de muitos jovens presos pela polícia política e enviados para aquela prisão colonial, dentro de outra colónia, Cabo Verde, o campo de trabalho de Chão Bom, o campo da morte lenta, o isolamento absoluto da terra de origem.

Definharam e morreram muitos deportados, sucumbindo aos extremos do rigor, dos castigos na «frigideira» sem ar, e das carências de todos os dias, isolados por longos anos das famílias. Portugueses antifascistas, entre 1936 e 1954, morreram 33. Os mosquitos não davam tréguas nem havia defesa possível contra eles, a água era inquinada, a comida tinha ausência quase total de vitaminas e proteínas.

25 de Fevereiro de 1962

O colonialismo português também enviou para a prisão do Tarrafal 106 combatentes pela soberania da Pátria, intrépidos lutadores da libertação nacional. Os primeiros 31 chegaram em 25 de Fevereiro de 1962, há 61 anos, viajaram algernados e vigiados por polícias em avião Hércules e da Cidade da Praia seguiram em corveta da marinha colonial portuguesa para aquele destino que muitos nem sabiam onde ficava. Na maior parte eram jovens. Algo comum os ligava: a luta pela libertação nacional de Angola. Ali não havia justificações, não havia pensamentos elaborados, teorias, ali era tudo em bruto, o pior que a Humanidade podia produzir, mas também o melhor, a luta abnegada pela Pátria, o sacrifício, o abdicar de ter uma vida sossegada e familiar. Ali a família eram os companheiros de cela, para o bem e para o mal, cada um tinha a sua própria história, a sua maneira de ser revelada em 24 horas por dia de convívio entre quatro paredes.

Percorremos demoradamente a cela colectiva, onde se perfilam os nomes dos prisioneiros, de Angola mas também da Guiné-Bissau e de Cabo Verde. Não conseguimos conter as lágrimas. Ler todos aqueles nomes emociona, por trás deles há uma história de luta, uma vida que não foi vivida, um corpo acorrentado naquela longa caserna de onde nin-

guém sabia se sairia vivo. Um depósito de seres humanos que de seu só tinham o corpo e a mente e as recordações e histórias trazidas para primeiro plano da memória porque ali não acontecia nada a não ser a pertença do corpo aos carcereiros, a obrigação de total obediência às ordens e quando se não obedecia estavam lá ao lado as celas disciplinares, a «frigideira», depois a «holandinha» onde os corpos assavam massacrados pelo calor abafado e por centenas de mosquitos.

Agostinho Mendes de Carvalho não era o mais velho, mas já era um kota à beira dos 40 quando lá chegou, juntamente com os outros 30, o Processo dos 50 em peso, muitos outros prisioneiros, sobretudo do Movimento dos Pausinhos, ficaram nas cadeias do Misombo e São Nicolau em Angola por longos anos. Em 1972, estavam 874 presos nacionalistas no Misombo e 1.123 em São Nicolau.

Em 1961, disse-me Mendes de Carvalho por várias vezes, estando preso na Casa da Reclusão em Luanda, fora avisado de que os presos iriam ser transferidos, presumia-se que para cadeias portuguesas, então mandou recado pela família aos militantes clandestinos em liberdade, sugerindo que deviam lutar pela sua libertação.

Laços familiares entre presos havia poucos no Tarrafal, um tio e sobrinho e o pai Sebastião Gaspar Domingos e seu filho Florêncio Gamaliel Gaspar, além dos irmãos Justino e Vicente Pinto de Andrade.

De Angola, da Guiné-Bissau e de Cabo Verde foram mandados para lá 320 combatentes da liberdade capturados, com dos quais guineenses, em Setembro de 1962, e 20 cabo-verdianos em 1970, entre os quais Lineu Miranda, Luís Fonseca, Jaime Schofield e Carlos Dantas Tavares. Entre os guineenses, Rafael Barbosa e Mamadou Touré, que foram libertados, com muitos outros presos guineenses, em 1969, e estiveram envolvidos no assassinato do líder nacionalista Amílcar Cabral, em Janeiro de 1973.

Mais de cem, exactamente 106, foram os angolanos para lá deportados ao longo dos anos. Dois morreram, António Pedro Bengue (pai de dois futebolistas, um deles guarda-redes do Benfica, falecido a 13 de Setembro de 1962, depois de transferido para o Hospital do Ultramar em Lisboa) e Magita Chipóia

«CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DO TARRAFAL»

As almas livres dos presos políticos

Há 61 anos, a 25 de Fevereiro de 1962, reabria o Campo de Concentração do Tarrafal, agora oficialmente denominado Campo de Trabalho de Chão Bom, na Ilha de Santiago, em Cabo Verde, para onde foram enviados os primeiros 31 nacionalistas angolanos, número que subiu para 106 até 1974



Agostinho Mendes de Carvalho foi enviado para o Campo do Tarrafal em 1962

da UNITA (a 13 de Maio de 1970). Dois nomes hoje quase esquecidos.

No cemitério permanecem ainda os corpos dos guineenses Cutubo Cassamá e Biaba Nabué, falecidos no campo a 12 e 24 de Novembro de 1962.

Eduardo Jonatão Chingunji, o grande mobilizador nacionalista do planalto central angolano, foi enviado para o campo de concentração do Tarrafal aos 59 anos.

No início de 1970, e fruto de inúmeras prisões em Luanda, entre os militantes clandestinos do MPLA, um grupo, muito jovem, foi enviado para o Tarrafal e outro para São Nicolau e dois para a Cadeia de Caxias em Lisboa. Em 1972, chegaram mais 14 militantes da clandestinidade do MPLA.

A partir de 1965 os presos passaram a contar com uma biblioteca apetrechada pela Fundação Gulbenkian com obras literárias portuguesas, e na comprida cela os presos organizavam-se em grupos de estudo. Luandino Vieira leccionava o ensino primário a companheiros analfabetos e escrevia em papelinhos improvisados que fazia sair da cadeia clandestinamente no fundo de cestos de roupa.

Quando se chega sem nada a uma prisão ou a um campo prisional, o instinto de sobrevivência sobreleva tudo e logo se inicia um processo de adaptação sem o qual se pode enlouquecer. O mundo passa a ser aquele, todo o mundo, e as mais ínfimas partículas, o canto de um pássaro, o sol, a lua, os sons mais ténues, as dores indeléveis comandam as vidas aprisionadas.

E aquele pedaço de terra perto do imenso mar onde se aprisionavam homens, passou a ser território livre preparando o advento de uma nova era. Ali, dentro daquelas muralhas, já era território livre.

Em 1973, o director do Campo, Eduardo Vieira Fontes, referindo-se a alguns presos angolanos cujos advogados haviam interposto Habeas Corpus para a sua libertação, diz que «os requerentes cumprem medidas administrativas de segurança no Campo de Trabalho de Chão Bom, que lhes foi imposta a medida de «residência em Cabo Verde - Campo de Trabalho de Chão Bom» por prática de actos contrários à integridade territorial da Nação». Entre esses presos estavam Eduardo Santana Valentim

(coordenador do Comité Regional de Luanda do MPLA de 1965 a 1969, quando foi preso em Outubro), Jaime Cohen e Gilberto Saraiva de Carvalho, transferidos à pressa e em segredo para prisões de Angola a fim de serem escondidos das autoridades judiciárias.

O 25 de Abril de 1974 não foi conhecido pelos presos do Tarrafal. Estavam ali, entregues ao arbitrio de quem vencesse, num primeiro momento os governantes locais e os carcereiros não acreditam numa reviravolta, não era possível os carcereiros passarem a prisioneiros, em minutos, mas foram contidos no meio do seu medo.

Só a 1 de Maio a ordem de libertação total e incondicional dos presos foi decretada judicialmente e os presos abandonaram em liberdade o campo de concentração.

O campo foi extinto em 19 de Julho de 1975, mas ainda lá estiveram presos, nos fins de 1974, alguns adversários políticos do PAIGC. Posteriormente foi um Centro de Instrução Militar até ser transformado, mais tarde, em Museu.

Não há mal que dure para sempre.



CARLOS ALBERTO VAN-DÚNEM ENVIADO PARA O TARRAFAL COM 29 ANOS



PROFESSOR EDUARDO JONATÃO CHINGUNJI ENVIADO PARA O TARRAFAL EM 1969 AOS 59 ANOS



ANTÓNIO CARDOSO ENVIADO PARA O TARRAFAL EM 1962



ALDEMIRO DA CONCEIÇÃO ENVIADO PARA O TARRAFAL EM 1970



EDUARDO SANTANA VALENTIM ENVIADO PARA O TARRAFAL EM 1970



JUSTINO PINTO DE ANDRADE

Neste curto percurso das minhas memórias, devo uma justa homenagem a um dos guardas do Campo de Concentração do Tarrafal, pelo seu comportamento exemplar, pelo modo como exerceu a difícil missão de nos guardar, mostrando-se sempre muito solidário para conosco: Agnelo Correia. Embora não fazendo já parte do mundo dos vivos, recordo aqui o último Director do Campo, Eduardo Vieira Fontes, o único que conheci durante os anos em que lá estive preso.

Os dois eram cabo-verdianos da ilha de Santiago, um de Pedra Badejo (Agnelo) e o outro ("Dadinho" Fontes) de Santa Catarina.

O pessoal auxiliar em serviço no Campo nos mais diversos domínios era, também, originário da ilha de Santiago - incluo nesse lote os guardas auxiliares, os que funcionavam na cozinha, bem como os que estavam ocupados em outras áreas de serviço. Acredito ter havido igualmente mais cabo-verdianos a trabalhar em outras áreas, com os quais não tivemos qualquer relacionamento.

Em suma: o Campo criou postos de trabalho para muitos cabo-verdianos vivendo na Ilha de Santiago. Não tenho dúvidas de que, ao longo dos anos, alguns tenham seguido o caminho da emigração. Mesmo até depois da Independência do Arquipélago.

É justo recordá-los aqui, pois não retenho na memória alguma vez ter sido hostilizado ou maltratado por esses guardas e empregados. Do meu ponto de vista, limitaram-se a cumprir, de forma discreta e eficaz, o papel que lhes era destinado: vigiar o Campo, prestar outros serviços, confeccionar a nossa alimentação.

Por exemplo, o Sr. Pina (chefe da cozinha), várias vezes tentou "fazer milagres" com os produtos de que dispunha. Daí a sua visível satisfação quando, excepcionalmente, possuísse mais algum condimento para melhorar o nosso rancho. O Pina e todos os outros que com ele trabalhavam na cozinha merecem, pois, este meu registo de memória.

Muitos anos depois de ter regressado a Angola, soube que o Pina chegou a visitar o nosso país - a convite não sei de quem. Um convite merecido, por tudo quanto procurou fazer para "aliviar a dor" do nosso degredo.

Acredito que os meus companheiros ainda sobre-viventes (já somos tão poucos...) partilhem também esta minha homenagem ao pessoal cabo-verdiano do



Memórias do Tarrafal

Uma justa e singela homenagem ao pessoal Cabo-Verdiano

Campo. Sei, inclusive, de presos políticos cabo-verdianos que conseguiram criar complicitades com alguns desses trabalhadores, autênticos "pombos-correio", de quem recebiam informações sobre o evoluir da situação política. Um ou dois foram homenageados pelas autoridades cabo-verdianas.

Um registo especial vai ainda para o modo como, nos seus postos de trabalho, os guardas se procuravam movimentar nos dias que se seguiram à tomada do poder em Portugal pelo Movimento das Forças Armadas (MFA). Encaravam-nos de um modo diferente... Pelos seus olhares e movimentos, percebia-se que gostariam de nos dizer alguma coisa... Não o fizeram, certamente por receio de serem apanhados. É que tudo estava ainda indeciso...

No dia 16 de Março falhara uma primeira sublevação militar, para a história registada como "O Golpe Falhado das Caldas". Apenas no dia em que fomos libertados tivemos tão preciosa informação: antes do "Golpe de 25 de Abril", falhara o "Golpe de 16 de Março".

Neste registo de memória, estou, pois, quase de saída do Campo do Tarrafal. Preparo-me, psicologicamente, para fazer o percurso de regresso a Angola.

A ABERTURA DO PORTÃO E A ENTRADA DOS MILITARES DO MFA

Ainda antes de "aterrar" em Luanda, tenho a obrigação de rememorar um pouco daquilo que continuo a guardar na memória sobre os últimos dias de Cabo Verde, já despedido da condição de preso.

Eu e os meus companheiros fomos "soltos" pelo Movimento das Forças Armadas (MFA), a estrutura militar que tomara o poder em Portugal e nos restituira à liberdade.

Foi assim que tudo se passou.

O portão de acesso à Ala dos Presos Angolanos abriu-se (escancarou-se mesmo), e por ele entraram oficiais das Forças Armadas Portuguesas. Militares, acompanhados pelo Director do Campo, o Sr. Eduardo Vieira Fontes, e um número restrito de guardas.

Com os militares entraram igualmente civis cabo-verdianos. Coisa estranha e inusitada para quem ali esteve durante anos sem contacto com o exterior.

No exterior do Campo, havia uma guarnição militar com quem nunca tivemos qualquer contacto. Nós, os presos, relacionávamo-nos apenas com os guardas - polícias e auxiliares. Os militares da guarnição mantiveram-se sempre distanciados do Campo. Tinham

por missão proteger o Campo, não fosse o PAIGC fazer alguma das suas... Esses militares não se imiscuam na vida interna do Campo, tal como os funcionários de serviço na secretaria. Eram praticamente "invisíveis".

O contacto com os cozinheiros fazia-se pelo postigo, na entrega das refeições.

BREVE APRESENTAÇÃO DO SECRETÁRIO DO CAMPO, OLAVO

Por vezes, aparecia dentro do nosso espaço o Secretário do Campo: o Sr. Olavo, um senhor cabo-verdiano elegante e educado, marido de uma angolana. O Sr. Olavo apenas ganhava "visibilidade" quando, por qualquer motivo, o Director se ausentasse. Ele substitua o Director, acumulando a gestão financeira e a logística. Ali nós percebíamos a mudança pelas ligeiras transformações na comida. Procurava abrir os cordões à bolsa...

Tínhamos a impressão que a esposa angolana do Secretário exercia alguma "magistratura de influência" junto do marido... Por que não: Éramos seus compatriotas ali presos. Acredito que, dentro dela, o sentimento fosse parecido com o nosso... Lembro-me de um dia o Olavo ter feito referência a essa sua ligação, dizendo, inclusive, ter amizade com alguns dos nossos familiares. Tal como o Direc-

tor, Eduardo Vieira Fontes, o Olavo saíra de Angola para assumir aquele ingrato cargo.

A POPULAÇÃO DO TARRAFAL CERCA O CAMPO DE CONCENTRAÇÃO

Vamos agora ao que sucedeu na manhã do dia 1 de Maio de 1974.

Sem o sabermos, decorria na "Metrópole" a primeira grande manifestação comemorativa do "Dia do Trabalhador", com a participação dos principais líderes políticos acabados de regressar do exílio: Mário Soares e Álvaro Cunhal. E nós completamente às escuras...

- Vozes que repetiam palavras de ordem de teor político e revolucionário: "Viva o PAIGC!", "Viva o MPLA!", "Viva a FRELIMO!".

- Vozes que se aproximavam cada vez mais dos muros do Campo.

- Vozes misturadas com apitos e alguma fanfarra. Faziam supor muita gente... destacando-se um megafone a estimular o povo.

Era evidente: o Campo tinha sido cercado por populares, não obstante lá fora haver polícias e uma guarnição militar.

tor, Eduardo Vieira Fontes, o Olavo saíra de Angola para assumir aquele ingrato cargo.

Foi nesse mesmo espaço que, cerca de um ano antes, Eduardo Vieira Fontes nos reuniu para informar que Amílcar Cabral havia sido «assassinado pelos seus próprios homens». Notícia triste que nos abalou imenso. Perdêramos uma das grandes referências das Nossas Causas...

Agora, nesse dia 1 de Maio, estávamos de novo ali reunidos, sem perfeita noção do real motivo da presença daquele grupo de militares e de civis cabo-verdianos. Era suposto que algo muito importante acontecera... Não era o nosso quotidiano. Estava muito longe de ser a nossa rotina diária...

O Director, os militares, os guardas, e mais: também civis apresentados como sendo advogados. Também o Procurador da República (Disse-nos, na altura, ser originário de Angola - de Nova Lisboa). Apresentados os advogados: Felisberto Vieira Lopes (Kaoberdiano Dambara, poeta revolucionário), David Hopffer Almada e Arlindo Vicente. Também o Engenheiro Jorge Querido. Todos exibindo um ar de grande satisfação. Estavam ali para testemunhar a nossa libertação imediata.

O Major que chefiava os militares (anos mais tarde, numa conferência em que

PRESOS POLÍTICOS ANGOLANOS

Os angolanos chegaram ao Tarrafal a 25 de fevereiro de 1962. Foram os primeiros presos políticos a inaugurar o então denominado Campo de Trabalho de Chão Bom (CTCB).

Numa primeira leva, esses presos formavam um grupo de 31 homens, constituídos sobretudo por negros, alguns mestiços e pouquíssimos brancos.

No total, de 1962 a 1974, passaram pelo CTCB 106 angolanos constituídos por grupos bastante heterogêneos.

Essa heterogeneidade dos grupos refletia-se nos presos afetos aos diferentes segmentos da libertação (UNITA, MFA, etc.), nos níveis de escolaridade (desde estudantes secundários a estudantes civis com formação científica e política superior, média ou técnica), pelas profissões (operários, médicos, engenheiros, enfermeiros, funcionários de serviços públicos e comerciais, escritores, músicos, estudantes, etc.) e pela faixa etária composta por jovens com idade mínima de 20 anos a idosos com idade máxima de 72 anos.

Para permanência desses presos no Tarrafal, saíam dos cofres de Luanda, 20 escudos diários, para cada preso, o que contribuía para que esses tivessem uma alimentação "melhor" do que a dos vizinhos de cela, os guineenses.

Dos 106 angolanos presos neste Campo de Trabalho, dois não conseguiram sair com vida: o primeiro a não resistir foi o richu António Pedro Bengo, falecido a 13 de setembro de 1962 (60 anos) e o segundo, Chípela Magita, de 55 anos, falecido a 13 de maio de 1970.



Com a minha habitual irreverência, disse, então, ao Director que percebia ter havido, de facto, um "Golpe de Estado" em Portugal. Melo engasgado, respondeu-me: «Não se tratou propriamente de um Golpe de Estado, mas, sim, de uma alteração no poder...».

O Major resolveu esclarecer o assunto, para que não restassem mais dúvidas: «Os militares organizados no Movimento das Forças Armadas decidiram tomar o poder e detiveram o Professor Marcelo Caetano, afastando também o Almirante Américo Thomaz!». «Foi criada uma Junta de Salvação Nacional, composta por Generais e Almirantes e dirigida pelo General António de Spínola». Que era por determinação dessa estrutura que eles estavam ali para libertar os presos políticos... «A partir de agora os senhores deixam de ser presos!».

A MINHA ENTREVISTA À "RÁDIO SOTAVENTO"

Estava presente uma equipa da "Rádio Sotavento", emissora que emitia a partir da cidade da Praia. Quiseram entrevistar-me. Sabiam que entre os presos angolanos estavam "Os Irmãos Pinto de Andrade, Justino e Vicente". Perguntei ao Major se autorizava que eu falasse. Com o seu assentimento, respondi, então, ao que me foi perguntado: sobre a minha disposição e sobre as minhas expectativas quanto ao futuro de Portugal e das suas Colónias.

É evidente que, naquela altura, de modo algum poderia falar com propriedade sobre o que se estava a passar na "Metrópole"... Pretendendo certamente ajudar-me, o Major foi dizendo que o General António de Spínola ponderava a possibilidade de alargar o âmbito das liberdades políticas para as "Províncias Ultramarinas". Foi precisamente a expressão "Províncias Ultramarinas" que me colocou

de sobreaviso...

Poderia estar em curso mais uma "manobra de diversão", tal como a anterior, quando o Professor Marcelo Caetano decidiu "elevar" Angola e Moçambique à condição formal de "Estados dentro da República Portuguesa"... E eu disse, claramente, aos microfones da "Rádio Sotavento", que tal solução não nos satisfaria, porque não era para isso que fomos presos, condenados, e deportados... O Major do MFA acrescentou que o General António de Spínola escrevera e fizera publicar um livro intitulado "Portugal e o Futuro", no qual exprimia o seu pensamento sobre como resolver o problema que se vivia.

Foi durante o mandato do General Spínola na Guiné-Bissau, que morreu Amílcar Cabral, assassinado em Conacri. Para mim, o General Spínola era suspeito... Finda a entrevista - partilhada também pelo meu irmão Vicente, a quem passei a palavra - fomos autorizados a preparar as nossas "bicutas" (nossos parques pertences).

SAÍDA DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO

Sáímos do Campo ao mesmo tempo que os presos políticos cabo-verdianos instalados na outra Ala. Caminhei ao lado do Pedro Rolando dos Reis Martins - o "Xinói".

O Pedro era muito alto e bem conhecido pelo povo da Ilha. Ao encaminharmos para a multidão que cercava o Campo, do alto dos seus cerca de 2 metros de altura, levantou o punho e gritou: «Viva a Independência de Cabo Verde!», «Viva Amílcar Cabral!». A multidão rompeu a barreira policial e da tropa, levando-nos para o seu meio.

Queriam tocar-nos com as mãos. Queriam ver-nos de perto. Queriam sentir a nossa respiração. Queriam olhar-nos bem nos olhos. Éramos os seus heróis que, final-

mente, saíam do cativeiro.

Entre a multidão, de megafone em punho, gritando palavras de ordem, estava o Carlos Tavares (o homem do megafone...), um ex-presos político do Tarrafal que já estava em liberdade. Pertencera ao grupo de presos cabo-verdianos que encontramos na "Caserna 3", ainda na Ala dos angolanos: Carlos Tavares, Luís Fonseca, Jaime Ben Hare Schofield, Carlos Lineu Miranda.

O Carlos Fonseca regressara agora ao Campo para nos resgatar. Foi extraordinário vê-lo ali entre a multidão comandando o protesto, colocado na linha da frente, nesse momento inesquecível... O abraço dado pelo Carlos Tavares ao Pedro Martins, ao Lineu Miranda, ao Luís Fonseca, ao Jaime Schofield e aos restantes prisioneiros. Companheiros de luta que se reencontravam fora dos muros do Campo do Tarrafal, saboreando pela primeira vez a libertação.

O Campo deixara de ser a nossa morada. Víamos agora com mais nitidez todo o ambiente à volta do Campo, com o povo ali reunido, sorrindo de esperança. Víamos o Carlos Tavares de megafone na mão, esperando por nós, na linha da frente. Tão bom, tão reconfortante...

Transportados em viaturas particulares, caminhamos juntos para a cidade da Praia, acenados pelo povo da Ilha postado ao longo da estrada. Queriam ver e vitorear os presos políticos finalmente libertados. Presos angolanos e cabo-verdianos. E muitos populares que se juntavam a nós e engrossando a nossa caravana. Passámos por Santa Catarina (Assomada) - terra do Pedro Martins e do Carlos Tavares - grande viveiro revolucionário do PAIGC na Ilha de Santiago. Por coincidência, também a terra do Director "Dadinho" Fontes.

CIDADE DA PRAIA, VITORIOSOS!

Depois de uma caminhada extenuante para quem tinha acabado de sair da prisão, entramos na cidade da Praia. Entrámos em apoteose. Dirigimo-nos para o Coreto, onde se improvisou um comício, o primeiro da minha vida.



"XINÓI", O HERÓI DO MOMENTO

O Pedro Martins ("Xinói") e o Mais-Velho Carlos Lineu Miranda eram seguramente os presos cabo-verdianos mais emblemáticos. O Mais-Velho Lineu Miranda que tinha um longo percurso de vida e de luta - pertencia à geração de Amílcar Cabral - manteve-se discreto. Mas o Pedro Martins, jovem cheio de entusiasmo e muito famoso na Ilha de Santiago, subiu para o Coreto levando-me de arrasto. Gigante, bom orador, dirigiu-se, em crioulo, ao público presente. Fez um empolgante discurso de vitória. Era o jovem herói de regresso ao convívio do seu povo. Era um "filho muito querido". Terminado o seu discurso, deu-me a palavra. Também falei, mas não me lembro do que disse. Nem sei se falei bem. O certo é que também fui muito aplaudido.

O povo ali presente descobriu que eu era o tal "Pinto de Andrade" que momentos antes dera uma entrevista para a Rádio, a partir do Campo da Morte Lenta. Pediram que o meu irmão Vicente também subisse ao Coreto e falasse. Queriam ver o outro

estivemos os dois presentes, na Assembleia Nacional Portuguesa, soube tratar-se do Major Judas) tomou a palavra em nome do Movimento das Forças Armadas (MFA), dizendo que, no dia 25 de Abril, acabara de tomar o poder, destituindo o Governo e o Presidente da República. Tudo novidade para nós.

O Major disse-nos que iríamos ser libertados imediatamente num acto presenciado pelos advogados e pelo Procurador da República - formalismo necessário. Chamados individualmente, pelos nomes completos. Recuperámos a nossa identidade total.

Em nós só cabia surpresa e alegria. Restávamos no Campo 79 presos angolanos (dos 107 que por lá passaríamos), distribuídos por duas casernas. Momento glorioso, mas ainda mistu-

rado com incógnitas...

"Dadinho" Fontes não teve coragem em pronunciar a palavra-chave: "Golpe de Estado"

O Director procurou "amenizar o ambiente": não falou em "Golpe de Estado", nem em "Tomada do Poder". Cuidadosamente, lá foi dizendo que tinha havido "Uma substituição no governo...". Atrevidamente, perguntei ao Director: «Sr. Director, será que o Ministro do Ultramar trocou de pasta com o Ministro da Agricultura? Ou coisa assim parecida...?». Embaraçado, o Director respondeu: «O Professor Marcelo Caetano deixou de ser Presidente do Conselho de Ministros e o Almirante Américo Thomaz foi substituído na Presidência da República». A coisa já começava a ficar mais clara...

Coquita e Katiquila: homens puros



Foto: J. V. M. / A. G. / A. G.

"Pinto de Andrade", o irmão mais novo. Eramos dois jovens irmãos, eu de vinte e seis anos e o Vicente, com vinte e quatro. O nosso nome também tinha grande simbolismo.

O Vicente subiu ao Coreto e falou. Falou ao lado de mim, improvisando também um discurso de glória. Naquele momento, tornámo-nos vedetas. Mas a grande vedeta era mesmo o Pedro Rolando, um filho da terra.

Eu e o Vicente éramos somente "netos da terra", por parte do nosso Avô Vicente José Costa, natural de Santo Antão. No fundo, éramos todos irmãos, uns mais próximos, outros mais afastados. Eramos, sim, todos irmãos.

PELA CIDADE DA PRAIA

Depois, dispersámo-nos pela cidade. Penso que alguns dos restantes presos angolanos foram colocados em instalações apropriadas na cidade. A grande maioria, afinal, ficou na Vila do Tarrafal, acolhidos pelo povo do Tarrafal.

Ainda me lembro de ter entrado num bar mesmo junto ao Coreto. Pedi uma gasosa e serviram-me uma dizendo-me que era produzida em Angola. Acrescentaram que, no porto, estava acostado, saído de Angola, um navio que levava milho.

Para eles, Angola era rica, pois era de onde vinha comida para o povo do Arquipélago. A imagem que tinham de Angola era de um território cheio de riqueza, com muita gente boa e terra demasiado fértil.

Cabo Verde sofria ainda

o efeito de uma seca profunda que começara em 1968. Terra seca, ressequida, encarquilhada, via-se apenas pedra e mais pedra... Era pedra até ao horizonte. O gado morrera ou fora enviado para a Guiné. Ficaram apenas as cabras que se alimentavam das raízes resistentes por debaixo das pedras. Ficaram também os corvos que conseguiram resistir a todas adversidades. Os corvos tornaram-se, enfim, as únicas "testemunhas" de todas as calamidades...

Os corvos resistem durante muitos anos, talvez centenas de anos... Por isso, nós dizíamos que aqueles corvos viram passar o Vasco da Gama, o Camões, o Padre António Vieira, e até os Corsários (como Francis Drake) que deambularam pelo Arquipélago... Os corvos deviam ter memória de tudo isso. Sim, os corvos, porque os homens foram sendo arrastados e afastados por todas as calamidades. O Arquipélago tornou-se uma plataforma de emigrantes, na narrativa dos poetas.

A SIMPATIA DO "NHÔ JULINHO MANCO"

Eu, Vicente, Alcino Borges, Katiquila e Coquita fomos acomodados em casa de um funcionário público, popularmente conhecido por "Nhô Julinho Manco" - a sua alcunha.

"Nhô Julinho Manco" e esposa acolheram-nos carinhosamente, criando espaço nos quartos, para nos sentirmos bem. Eu, Vicente e Alcino ficámos juntos num dos quartos, Katiquila e

Coquita foram instalados num outro espaço. Estes dois companheiros não estavam a acreditar no que estava a suceder... Eram camponeses, um do sul de Angola (Teodoro Augusto Katiquila), o outro do norte (Domingos Coquita).

COQUITA E KATIQUILA - HOMENS PUROS

Os dois largaram os companheiros com quem tinham sido presos e caminharam connosco, sem nunca nos largarem, e beneficiaram do nosso estatuto. Conseguiram acompanhar-nos para todo o sítio. Diziam-nos, insistentemente, que estavam a ser "grandes senhores". E nós dizíamos que sim, que eles mereciam esse momento de glória.

O Domingos Coquita tinha sido preso com o Sr. Bento Kipala, de quem era supostamente "serviçal". De tal modo que, na cela, atendia, sempre serenamente, a todas as necessidades do Bento Kipala: lavava-lhe o prato, servia-lhe a comida, fazia a cama ao seu antigo "patrão". Assumia tudo isso sem qualquer reclamação. Sentia que, mesmo preso, deveria manter a relação hierárquica do "serviçal" para com o seu "senhor". Ambos teriam pertencido à UPA/FNLA. Ironia da vida: Domingos Coquita apanhara 24 anos de prisão, e Bento Kipala, seu "amo", apenas 6 anos de cadeia. Como se o "serviçal" tivesse arrastado para a luta o seu "senhor"...

O Teodoro Augusto Katiquila foi preso por ligação à

UNITA. Um camponês muito interessante, cheio de sentido de humor. Com ele, aprendemos a conhecer muitos dos meandros da cultura dos povos do Planalto Central de Angola. O meu bom amigo e companheiro do Tarrafal levava com "apenas" 22 anos de cadeia. Mesmo assim, nunca o vi triste.

O Katiquila e o Coquita com um sorriso permanente a ornamentar-lhes o rosto. Símbolo perfeitos do optimismo e da boa-disposição. Por tudo quanto representavam, eu dizia-lhes que gostaria que vissemos mais de mil anos, para emprestarem mais alegria à vida.

Nesse dia da saída do Campo, e nos dois dias que se seguiram percorremos a cidade da Praia, sempre acompanhados por gente simpática. Inclusive, foi organizado um jantar em nossa homenagem, de nós os cinco, os inseparáveis.

"Nhô Julinho Manco" mostrou-nos alguns quadros pintados pelo Pedro Martins. Quadros guardados secretamente, para não caírem nas mãos da PIDE... Quadros do Pedro Martins, revolucionários, expressavam mensagens de luta... Lembro-me de um deles cheio de simbolismo: do ventre de uma grávida saía algo parecido com uma bandeira - era a bandeira da Independência.

No dia seguinte, o segundo dia depois da libertação, participámos num almoço dedicado a todos os presos, angolanos e cabo-verdianos. Não me lembro de quem partiu tal iniciativa, talvez de uma associação

ou mesmo uma organização improvisada pela malta da Cidade da Praia. Foi aí que voltámos a encontrar os nossos companheiros que perdéramos de vista depois do comício do Coreto.

UM ANTÓNIO CARDOSO PERDIDO NA ILHA

O António Cardoso - o Poeta Anarquista - esfumou-se completamente. Perdeu-se nos labirintos da cidade. Penso que se foi juntar a velhos amigos ou em busca de fazer novos amigos. Vi-o passar sentado no banco traseiro de um Mini-Jeep descapotável, a perna direita virada para fora, seguramente a saborear o clima da liberdade finalmente alcançada.

O António Cardoso esteve preso cerca de 14 anos. Prenderam-lhe o corpo, mas não lhe agrihoaram a alma. Nunca nenhuma parede teve força suficiente para prender a alma de um poeta... Dentro da cidade da Praia, o Cardoso viu um autêntico passarinho a saltitar de galho em galho... Deu vazão ao seu espírito libertário e à sua alma anarca.

Nesse dia, passou por nós o poeta que nunca se deixou prender, com o rosto a sorrir em toda a dimensão, coberto por uma espessa barba de muitos anos. Para o Cardoso, a Cidade da Praia era o espaço que lhe faltava para respirar ar puro. Era o Poeta desnudando a sua essência: prenderam-lhe o corpo, mas nunca lhe prenderam a alma...

Regressámos para Angola deixando para trás o Poeta

Anarquista. Com ele ficou também o César Teixeira, um revolucionário contador de estórias, um homem de sete ofícios. E ficou também o que restou do corpo do Chipola Magita - o Príncipe Quico que morreu no Campo.

O Poeta António Cardoso queria voar... Talvez quisesse navegar... Voava e navegava na sua imaginação... Deixou-se ficar por lá, por algum tempo, mergulhado naquele recanto do Oceano...

OS PAIS DO POETA ANARQUISTA

Quando chegámos à Luanda, fomos colocados na "Casa da Reclusão". E lá apareceram os Pais, já Velhos, do Poeta Anarquista... Tinham ido receber o filho único que não voltou connosco. Disse-lhes que o deixáramos ficar na Cidade da Praia, preparando-se, talvez, psicologicamente, para a retoma a um ciclo de vida de que já estava desabitado. Talvez quisesse apenas a reencontro com a realidade que tinha perdido há 14 anos - É que já tinham decorrido cerca de 14 anos...

Eu disse aos Pais do nosso companheiro António Dias Cardoso que o vira passar, sentado no banco de trás de um Mini-Jeep descapotável, com a perna direita colocada na berma e a espessa barba varrida pelo vento que passava... Mas que ele estava bem. Estava vivo. Com o sorriso de quem, finalmente, saíra de uma gaiola... O Poeta Anarquista, meu companheiro de longos anos de cadeia, batia as suas asas sobre todo um Arquipélago...

